

TÍTULO: DESIGUALDADES RACIAIS E SEUS ATRAVESSAMENTOS À SAÚDE DE ADOLESCENTES NEGROS E NEGRAS

AUTORES:

- 1 - Thamiris Catão Raybolt - Assistente Social no Projeto Livres para Brilhar
- 2 - Clarice Rossi Girão - Estudante de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e extensionista do OIESS-RJ
- 3 - Raquel Sousa Cerqueira Cruz - Estudante de Serviço Social da UFF e extensionista do OIESS-RJ
- 4 - Ana Júlia da Silva Ribeiro - Estudante de Psicologia da UFF e extensionista do OIESS-RJ
- 5 - Janine Segal do Santos - Estudante de Medicina da UFF e integrante do coletivo NegreX
- 6 - Marlom Silva Rolim - Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto de Saúde Coletiva da UFF
- 7 - Ariana de Oliveira Tavares - Nutricionista do Instituto de Saúde Coletiva da UFF

PALAVRAS - CHAVE: Racismo. Saúde. Extensão Universitária.

INTRODUÇÃO, OBJETIVOS E CONTEXTO

A experiência “Roda de conversa sobre desigualdades raciais e a saúde de adolescentes” foi organizada pelo projeto extensionista Observatório da Integração Ensino-Serviços de Saúde do Estado do Rio de Janeiro (OIESS-RJ) vinculado ao Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Ela foi disparada por uma atividade sobre gravidez na adolescência realizada pelo Observatório com estudantes do Projeto Social “Livres para Brilhar” e do Colégio Estadual José Bonifácio (CEJB) em uma parceria iniciada em 2022.

Na referida atividade, o documentário “Meninas”¹ foi dialogado com um grupo de adolescentes, sendo percebido neles um olhar naturalizado frente às situações de racismo vividas pelas meninas negras e grávidas no documentário. Esse olhar dos adolescentes coaduna-se com a naturalização das iniquidades produzidas pelo racismo enraizado na sociedade brasileira². Dessa leitura, desenhou-se a necessidade de construir reflexões sobre o racismo no Brasil.

Nesse contexto e tendo em vista o período oportuno do “Novembro Negro” (mês dedicado a resgatar e valorizar a luta, resistência, rebeldia, identidade e cultura do povo negro no Brasil)³, o OIESS-RJ propôs uma atividade de educação em saúde, com o objetivo geral de desenvolver um diálogo sobre racismo e saúde da população negra com adolescentes do CEJB. Como objetivos específicos: impulsionar discussões sobre o tema racismo e todas as suas expressões na vida social, refletindo sobre ações individuais, coletivas e institucionais que o reproduzem cotidianamente e; resgatar formas de luta e resistência da população negra.

A atividade foi construída com o apoio do NegreX, coletivo auto-organizado de estudantes de medicina negros da UFF, do grupo artístico de hip-hop “Wolf Crew”, do grupo “Senzala de Capoeira Dublin” e do Projeto Social “Livres para Brilhar”, sendo divulgado e aberto à toda comunidade ISC. Essas parcerias tinham o propósito de desenvolver uma atividade de educação, informação e comunicação em saúde com sujeitos coletivos implicados na luta por direitos à população negra.

DESCRIÇÃO E RESULTADOS

No dia 24 de novembro de 2023, os adolescentes do CEJB conheceram o Hospital Universitário da UFF, muitos deles pela primeira vez, ao caminharem para o ISC, onde outros atores sociais já aguardavam o início desta experiência.

No ISC, os extensionistas (estudantes de psicologia, serviço social e técnicos-administrativos da UFF) vendaram os adolescentes e outros integrantes do “Livres para Brilhar”, acadêmicos de medicina e docentes da disciplina “Trabalho de Campo Supervisionado (TCS1)” como parte da dinâmica inicial desta atividade. Depois, esse grupo foi levado até uma sala de aula e sentados em roda. Vendados e em silêncio, tocou-se a música “Cota não é esmola”⁴, seguida de leituras de acontecimentos verídicos de cunho racista nos serviços públicos de saúde brasileiros, selecionados pelo OIESS-RJ e pelo NegreX.

A cada acontecimento lido, um dos participantes, escolhido randomicamente, era desvendado por um extensionista e convidado a virar um dos papéis dispostos no centro da roda e tirar a venda de outro participante. Essa dinâmica procedeu até que se revelasse a frase “Existe discriminação racial na saúde! Por que o negro tem menos acesso a saúde que o branco?”.

Para iniciar o debate, as pessoas desvendadas foram convidadas a tirar as vendas dos demais para que todos visualizassem e comentassem aquela frase, junto aos acontecimentos racistas lidos. Quem fizesse o comentário deveria sugerir outro participante da roda para compartilhar sua opinião com os demais. Com isso, instaurou-se o debate com falas dos adolescentes, dos integrantes dos coletivos parceiros e dos discentes, técnicos-administrativos e docentes da UFF presentes. Após 2 horas de debate, todos foram convidados a conhecerem manifestações culturais, de luta e de resistência da população negra.

Em uma sala apropriada do ISC, o grupo de capoeira iniciou sua apresentação com a introdução de uma noção prévia da manutenção da ancestralidade da população negra a partir da capoeira, dialogando também com as demais expressões culturais afro-diaspóricas.

Ratificando os elementos culturais como forma de resistência e valorização da cultura negra na sociedade contemporânea foram ensinando alguns movimentos e convidando os presentes a realizá-los.

Seguidamente, o coletivo “Wolf Crew” apresentou o “movimento hip-hop”, relacionou-o a outras expressões da cultura negra e ensinou passos de dança, formando ao fim um “baile de charme” com os presentes. Após 3 horas do início desta experiência, como lembrança e incentivo a continuidade de novas discussões sobre saúde e racismo, todos receberam do OIESS-RJ canecas grafadas com a frase: “Vidas Negras importam”.

A importância das reflexões trazidas por esta experiência reside na contestação da realidade brasileira, onde o racismo é um problema estrutural, institucional e intersubjetivo, produzindo dimensões simbólicas que desfavorecem o corpo negro e afetam o acesso à saúde e o cuidado, violando seus direitos^{2,5}. As dinâmicas planejadas, a combinação delas com manifestações culturais e de resistência da população negra permitiram a participação ativa dos adolescentes, negros e negras majoritariamente, e a construção do diálogo entre diferentes saberes, como orientam as bases teóricas da educação popular⁶, que inspiram o OIESS-RJ.

Em consonância, ressalta-se a interação de estudantes da escola pública, residentes da periferia de Niterói, com a comunidade universitária da UFF, que abriu um diálogo acerca das diferenças desses espaços e dos modos de pensar, viver e adoecer desses sujeitos, permitindo o exercício do papel formativo e transformador da prática extensionista⁷. Entretanto, o desafio foi proporcionar aos adolescentes maior protagonismo no desenvolvimento desta experiência, apesar da avaliação de um deles: “Quando o projeto [Livres para Brilhar] falou que tinha um passeio que seria em um hospital, eu achei que seria ruim por não gostar de hospital, mas me surpreendi. Teve aulas de capoeira, hip-hop e falamos sobre o racismo. Fiquei feliz por ter ido”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência extensionista, assentada no papel da extensão universitária para a formação de profissionais de saúde comprometidos com a superação das desigualdades sociais produzidas pelo modelo societário vigente, contribuiu para o processo formativo de acadêmicos de cursos da saúde da UFF. Sobretudo, por apresentar a urgência da escuta qualificada de adolescentes negros e negras para a produção de cuidados em saúde antirracistas e conectados com seus projetos de vida e de felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Werneck S. Meninas [documentário]. Brasil, 7 mar. 2006.
- 2- Werneck J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saude soc [Internet]**. 2016 Jul; 25(3):535–49. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>.
- 3- Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) [homepage na internet]. Novembro Negro: É tempo de reafirmar a resistência do povo brasileiro. Brasil: Maura Silva, 8 de novembro de 2018 [acesso em 15 de maio de 2024]. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/11/08/novembro-negro-e-tempo-de-reafirmar-a-resistencia-do-povo-brasileiro/>.
- 4- Ferreira B. Cota não é esmola. [vídeo] Brasil, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/QcQIaoHajoM?si=CbRHUaGqUH3IsnI0>.
- 5- Saraiva VC dos S, Campos D de S. A carne mais barata do mercado é a carne negra: notas sobre o racismo e a violência obstétrica contra mulheres negras. **Ciênc saúde coletiva [Internet]**. 2023 Sep; 28(9):2511–7. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023289.05182023>.
- 6- Freire P. **Pedagogia do oprimido**, 1971.
- 7- Figueredo WN, Cardoso GMP, de Almeida, DS, Baldoino AS, Coelho MTAD. Extensão universitária na formação do estudante da área de saúde. **Revista Tópicos Educacionais**. 2018 jul-dec; 24(2): 41-55. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2018.242911>.